

Representação de mulheres negras: cinema, *ethos* e identidades

Representation of black women: movies, *ethos* and identities

Roberto Carlos da Silva BORGES¹

Resumo

Por intermédio dos conceitos de *ethos* e imagem de si, dos Estudos da Linguagem, e dos conceitos de alteridade e identidade, como são discutidos no campo dos Estudos Culturais, este artigo pretende se configurar como contribuição para a reflexão e entendimento de algumas tramas sociais às quais estamos submetidos. Particularmente, neste caso, a partir da análise do documentário *Cinderelas, lobos e um príncipe encantado*, do cineasta Joel Zito, pretende-se a problematização das imagens que o senso comum constrói de mulheres negras. A fala de duas mulheres negras e prostitutas do Pelourinho (Salvador, Bahia) são o *corpus* desta análise.

Palavras-chave: Ethos. Identidade. Racismo. Discurso.

Abstract

Utilizing the concepts of *ethos* and self-image, as they are understood in Studies of Language field, and the concepts of otherness and identity, as they are discussed under the Cultural Studies perspective, this text aims at being a contribution to the reflection and understanding of some social threads to which we have been subjected. Specifically speaking, in this case, having as a starting point the analysis of the documentary feature *Cinderelas, Wolves and a Prince Charming*, by filmmaker Joel Zito, it is our intention to problematize the images that the common sense builds on black women. Two black women's speeches, who work as prostitutes in Pelourinho (Salvador -Bahia), form the *corpus* of our analysis.

Keywords: Ehtos. Identity. Racism. Discourse.

1 Doutor. Coordenador do Programa em Relações Etnicorraciais do CEFET/RJ, Coordenador do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros do CEFET/RJ. <borgesrcs@cefet-rj.br / borgesrcs@gmail.com>.

Em nosso mundo fluido, comprometer-se com uma única identidade para toda a vida, ou até menos do que a vida toda, mas por um longo tempo à frente, é um negócio arriscado. As identidades são para usar e exibir, não para armazenar e manter (BAUMAN, 2005, p. 96).

As Cinderelas negras ficam com o príncipe desencantado... (SANTOS, 2004, p. 24).

Questionar o mundo por intermédio das práticas discursivas pode nos levar a caminhos que contribuam para melhor entendimento das tramas sociais em que estamos envolvidos. O *ethos* discursivo, que se configura como a imagem de si construída no/pelo discurso, é o caminho que escolhemos para melhor compreender essas tramas. “Como nós temos sido representados” e “[...] como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios” (HALL, 2009, p. 109) são as questões que se constituem como fios condutores da investigação exposta aqui.

As falas de duas mulheres entrevistadas em *Cinderelas, Lobos e um Príncipe Encantado*, filme documentário de Joel Zito, as posições identitárias que elas ocupam e constroem para este filme são o material sobre o qual refletimos. Essas mulheres são fenotipicamente negras e provenientes das camadas socioeconômicas desfavorecidas. Tais características já as situam em três diferentes categorias: a da raça², a do gênero³ e a da classe⁴ socioeconômica.

-
- 2 Conceitualmente, a categoria *raça* não é científica. As diferenças atribuíveis à raça numa mesma população são tão grandes quanto àquelas encontradas em população racialmente definida. *Raça* é uma construção política e social. É a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e de exclusão – ou seja, o racismo. Contudo, como prática discursiva, o racismo possui uma lógica própria (HALL, 1994). Tenta justificar as diferenças sociais e culturais que legitimam a exclusão racial em termos de distinções genéticas e biológicas, isto é, na natureza. Esse *efeito de naturalização* parece transformar a diferença racial em um *fato* fixo e científico, que não responde à mudança nem à engenharia social reformista. Essa referência discursiva à natureza é algo que o racismo contra o negro compartilha com o anti-semitismo e com o sexismo (em que também “a biologia é o destino”), porém menos com a questão de classe. [...] (HALL, 2006, p. 67).
 - 3 “Concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: consequentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. Assim, a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo” (BUTLER, 2010, p. 24). “É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. O debate vai se constituir, então, através de uma nova linguagem, na qual *gênero* será um conceito fundamental” (LOURO, 1997, p. 21).
 - 4 Cada um dos grupos em que se dividem ou se ordenam, por critérios vários, quaisquer seres ou coisas; Categoria em que se classificam os cidadãos de uma sociedade qualquer, conforme sua condição econômico-financeira e seu status social; classe social (Aulete – Dicionário Digital. Verbetes: Classe).

As noções de *ethos*, identidade e alteridade, que utilizamos, têm a finalidade de problematizar a imagem que, no senso comum, por meio da linguagem, se constrói de mulheres negras. Com este objetivo, lançaremos mão de teorias da Análise do Discurso e de reflexões teóricas dos Estudos Culturais.

1 Conceitos

1.1 Documentário

Conceituar o gênero *documentário* não tem sido uma tarefa fácil. Bill Nichols⁵ (2005, p. 47) diz que “A definição de ‘documentário’ é sempre relativa ou comparativa, estruturando-se pelo contraste com os filmes de ficção, experimentais ou de vanguarda”. Os avanços de linguagem e o experimentalismo em torno das produções cinematográficas contribuem para dificultar os conceitos que se pretendam como fronteiras entre o que é filme documentário e o que é ficção.

Embora se espere que o filme *documentário* aborde o mundo em que vivemos – pela ótica do sujeito que o produz – e não seja uma ficção imaginada por um cineasta, há, no entanto, um número cada vez maior de documentários, cujos recursos, estratégias, convenções utilizadas podem ser facilmente associadas ao filme ficcional – como ensaio, roteirização, interpretação. Isso atenua os limites entre o que é ficcional e o que não é. A raiz da tradição do documentário consiste em sua capacidade de nos transmitir a impressão de que visualizamos algo autêntico. Nos filmes documentários, espera-se que as pessoas continuem a levar suas vidas como se a câmera que as filma não existisse. Cria-se uma ambiência de *entrevista ao vivo* e os *papéis*, em teoria, não seriam marcados previamente. Quer-se uma pessoa falando de si, relatando experiências, fornecendo suas opiniões.

Todo filme, na verdade, tem por base um *documentário*, como afirma Bill Nichols (2005). Essa assertiva baseia-se no fato de que mesmo “[...] a mais extravagante das ficções evidencia a cultura que a produziu e reproduz a aparência das pessoas que fazem parte dela.” (NICHOLS, 2005, p. 26). Para Nichols, os filmes *documentários*, em seu sentido restrito, representam, de forma palpável, os aspectos desse mundo que ocupamos e compartilhamos. É a realidade social que ressalta prioritariamente, de acordo com a seleção e a organização determinadas pelo cineasta. Os *documentários* querem denotar uma determinada compreensão

5 Bill Nichols é um dos intelectuais mais influentes da academia norte-americana contemporânea na área de cinema. É autor de uma conhecida coletânea de textos em Teoria do Cinema: *Movies and methods: An anthology*.

sobre o que a realidade foi, é e o que pode vir a ser, veiculando, dessa forma, *verdades*. Assim, são visões de um mundo comum, com o objetivo de que as exploremos e as compreendamos. Tanto os filmes de ficção quanto os filmes documentários são histórias que pedem que acreditemos nelas e que as interpretemos. A interpretação está ligada à compreensão da transmissão de significados e valores. A crença depende da forma como reagimos a esses significados e valores. Certamente, um dos objetivos do documentário de representação social é estimular, encorajar à crença. É necessário que se creia no mundo do filme como real, já que os filmes de representação social pretendem exercer algum tipo de impacto no mundo histórico e isso só é possível se a persuasão e o convencimento a respeito do ponto de vista que veiculam forem eficazes.

O encanto do *documentário* reside em colocar, diante das pessoas, questões atuais e problemas de nossa sociedade.

1.2 Alteridade, Identidade e Ethos

O princípio de alteridade, conforme Charaudeau (2005), leva os sujeitos do ato de linguagem a se reconhecerem como diferentes. As diferenças são as marcas que explicitam o fato de que o outro é o outro. É a dessemelhança que traçará as fronteiras e se constituirá como alteridade. A alteridade nos mostra que cada um dos parceiros está envolvido em um processo recíproco, mas não simétrico, de reconhecimento do outro pelas suas diferenças.

Como aponta Ramos (2008, p. 207),

A alteridade tem por linha demarcatória exatamente a propriedade dos meios de conhecimento e análise pelo mesmo, para poder configurar o outro social excluído. Pelo princípio de alteridade, a proposta, então, é a de investigar como é a representação desse 'outro' quando as câmeras se dirigem, neste caso particular, para duas mulheres negras.

Quanto ao conceito de identidade, sua complexidade nos levou às leituras de Hall (2002, 2006, 2009), Bauman (2005), Woodward (2009) e Moita Lopes (2002).

Para começar, Hall chama de identidade

[...] o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos 'interpelar', nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e,

por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode ‘falar’. *As identidades são, pois, pontos de apego temporários às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós.* (HALL, 2009, p. 112, grifo nosso).

Diz, ainda, que

[...] *as identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir*, embora ‘sabendo’ (aqui, a linguagem da filosofia da consciência acaba por nos traír), sempre, que elas são representações, que a representação é sempre construída ao longo de uma ‘falta’, ao longo de uma divisão, a partir do lugar do Outro e que, assim, elas não podem, nunca, ser ajustadas – idênticas – aos processos de sujeito que são nelas investidos. (HALL, 2009, p. 112, grifo nosso).

Identidade, então, pode ser definida como as diversas posições de sujeito às quais nos apegamos para nos representarmos a nós mesmos. O que constrói e/ou apresenta a identidade é o recurso discursivo da alteridade. É pela diferença que as identidades são invocadas. É pela existência de um “[...] Tu” que se produz a existência de um “[...] Eu”. É por intermédio da alteridade e dos contextos enunciativos que as pessoas tomam consciência de quem elas são (MOITA LOPES, 2002, p. 30).

A identidade não pode ser vista como um conjunto fixo e imutável de características que definam um ser. Ao contrário, deve ser entendida como algo cambiante, passível das mais diversas mutações que estão ligadas à enunciação⁶. Como já apontado por Bauman (2005), a identidade, além de não ter solidez, além de ser um conceito bastante complexo, não nos é garantida e, por seu caráter revogável, temos de negociá-la. A visão de indentidade como algo fixo e imutável leva alguns a reivindicarem para a mesma, de maneira equivocada, essencialidades que, de forma confortável, diriam-nos quem pertence e quem não pertence a determinada identidade. No entanto, essa ilusão de pertencimento é falha, pois a identidade é tão fluida e mutável quanto são nossas escolhas.

6 A enunciação constitui o pivô da relação entre a língua e o mundo: por um lado, permite representar fatos no enunciado, mas, por outro, constitui por si mesma um fato, um acontecimento único definido no tempo e no espaço. Faz-se geralmente referência à definição de Benveniste (1974, p. 80), que toma a enunciação como “a colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização”, que o autor opõe a enunciado, o ato distinguindo-se de seu produto. Essa definição, entretanto, submete-se a variações significativas, segundo teorias linguísticas que a mobilizam. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 193).

A representação dessa identidade deve ser compreendida como um processo cultural: o sujeito ao se posicionar, de acordo com sua história, seu tempo, seu espaço, cria representações, produz significados. São esses significados que dão sentido à experiência e àquilo que se é (ou se deseja ser). Embora possa ser a mesma pessoa, as diferentes enunciações exigem do sujeito diferentes posicionamentos, pois geram diferentes expectativas e submetem-no a restrições sociais específicas (WOODWARD, 2009). Ao se atender a essas expectativas (utilizando-me de um exemplo bastante primário, ora o sujeito está posicionado na mesa de um bar com amigos, ora na mesa de reunião com a chefia ou com subordinados), o domínio da linguagem e de como ela se constitui se tornam formas significativas de expressão de poder.

Mesmo que ainda existam identidades que nos sejam impostas, diante das quais parece não haver escolhas, como as que estereotipam (BAUMAN, 2005), o sujeito tanto pode se recusar a ocupar essas posições quanto pode combatê-las discursivamente. Há, na verdade, uma séria de posições diferentes com as quais sempre se pode negociar e com as quais, de diferentes modos e, em diferentes momentos, identificar-se profundamente (HALL, 2006). O significante *negro* (idem), por exemplo, se tornou um termo de identificação cultural e foi ressignificado ao ponto de ser valorizado cultural e socialmente, materializando a carga semântica de alteridade que carrega, pela não aceitação do sentido que lhe fora socialmente imposto.

De acordo com Hall (2009) defendemos a ideia de que

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e em práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma ‘identidade’ em seu significado tradicional – isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferença interna. (HALL, 2009, p. 109, grifo do autor).

A reflexão sobre identidades, representações e alteridade nos leva ao conceito de *Ethos*, do qual, de forma bastante resumida, podemos dizer que se configura como aquilo a que o sujeito quer parecer ser e como a imagem de si que este

sujeito cria por intermédio de seu discurso, com o objetivo de conseguir adesão. A noção de *ethos* tem interesse prático e não se constitui como uma teoria muito clara (MAINGUENEAU, 2008). Ainda assim, é uma noção que tem sido cada vez mais utilizada pelo fato de que as teorias mais densas ainda não nos permitiram acesso à compreensão de alguns aspectos importantes da linguagem.

Por haver muitos que se perguntam sobre a relevância de se estudar *ethos*, uma resposta, entre tantas, está ligada ao fato de desejarmos a compreensão das estratégias de busca de credibilidade ao se (re)produzir discursos (CHARAUDEAU 2006). Uma citação bastante pertinente de Charaudeau (2006, p. 86) nos diz que

Não existe um ato de linguagem que não passe por uma construção de uma imagem de si. Quer queiramos ou não, calculemos ou neguemos, a partir do momento em que falamos, aparece (transparece) uma imagem daquilo que somos por meio daquilo que dizemos. Não se trata tanto de nosso posicionamento ideológico, do conteúdo de nosso pensamento, de nossa opinião, quanto daquilo que sobressai da relação que mantemos conosco e que oferecemos à percepção dos outros. O sujeito que fala não escapa à questão do *ethos*...

Podemos dizer que, se os estudos de identidade problematizam a questão *Quem somos nós?*, os estudos de *ethos* desejam responder “Que imagens de nós queremos construir por meio da linguagem?” O *ethos* nada mais é do que a junção da identidade social à identidade discursiva (CHARAUDEAU, 2006, p. 116). Dessa forma, os diferentes *éthe* que construímos são manifestações das identidades fragmentadas e paradoxais que temos de assumir socialmente e que eles (os *éthe*) respondem às demandas sociais necessárias às posições de sujeito que assumimos, ocupamos e desejamos ocupar. O *ethos* procura adequação à instância enunciativa na qual nos encontramos. Para a noção de *ethos* não há compromisso com o que chamamos *real* ou *verdadeiro*. Para o *ethos*, o que importa é obter adesão.

A noção de *ethos* se aproxima do que Hall expõe, quando fala da identidade do sujeito pós-moderno, para o qual

A identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos

sistemas culturais que nos rodeiam. [...] O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente. (HALL, 2002, p. 13, grifo do autor).

A identidade do sujeito pós-moderno seria, então, os éthe necessários às relações sociais mutáveis que este sujeito estabelece. Seriam constructos alterados ao sabor da história, ou melhor, da enunciação.

Identidade, por mais que conceitualmente seja entendida como fragmentada e contraditória, nos remete, no senso comum ao menos, a algo fixo, permanente, mas, como sabemos, “A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”. (HALL, 2002, p. 13).

Já o conceito de *ethos* está ligado ao que é mutável, de acordo com a circunstância que o circunscreve. O *ethos* é parte da construção discursiva que se faz da identidade. A nosso ver é a própria identidade fragmentada.

2 O discurso e sua análise

Nossa sociedade tem o homem, branco, rico, proveniente dos países do hemisfério norte, heterossexual como padrão modelar. Qualquer característica distinta das deste homem coloca o diferente no *lugar a menos*, lugar da alteridade. Os discursos que analisamos neste trabalho se constituem a partir de pessoas cujas características as situam em posições diametralmente opostas às ainda compreendidas como padrão. Ao reunirem características que as distanciam do modelo, configuram-se como personificação da alteridade social, como elementos de exclusão. Vejamos as entrevistas com Silene e Luciana e tentemos recuperar/ analisar a imagem de si (*ethos*) que se constrói a partir de seus discursos.

Alegrias e tristezas de Silene:

- Silene, há quanto tempo você está trabalhando aqui no Pelourinho?
- Há cinco anos.
- Você veio de onde?
- Feira de Santana
- E você já fazia programa em Feira de Santana?
- Não, em Feira de Santana eu não fazia, não. Eu dependia de minha mãe e eu apareci grávida de gêmeos, fui obrigada a correr atrás de um ideal e o meio mais fácil foi este.

Em primeiro lugar, chama-nos a atenção a maneira como Silene narra sua gravidez. Ao narrarmos nossas histórias, nossa memória e seus lapsos fazem com que, algumas vezes, a recontemos da maneira mais suave do que a realidade. Podemos nos desresponsabilizar discursivamente ao cometermos um ato qualquer que julgamos grave ou cujas consequências podem ameaçar a imagem que fazemos de nós mesmos (Podemos citar como exemplo a criança que diz *a garrafa quebrou*). Já que *apareceu grávida*, Silene minimiza sua responsabilidade pela gravidez. Linguisticamente, podemos dizer que, ao transformar um verbo significativo em um verbo de ligação, consciente ou inconscientemente, ela esvazia o sentido do mesmo, esvaziando assim sua responsabilidade diante da gravidez. No entanto, este fato é o mesmo que a faz redirecionar a própria vida, pois não pode mais depender da mãe e é *obrigada a correr atrás de um ideal*. *Ideal* remete-nos ao mundo das ideias, àquilo que também pode ser imaginário, fictício ou o que reúne todas as perfeições concebíveis. O *meio mais fácil* que Silene encontra para atingir esse *ideal* é a prostituição. A análise do significado de *meio mais fácil* certamente nos levará a questões sociais e históricas. Por causa da cassação moral, assumir a prostituição como alternativa talvez seja uma opção bastante difícil. Silene, porém, que em seu discurso não assume sequer a própria gravidez (ela apareceu grávida), abre mão do peso moral e aponta a opção pela prostituição como o meio mais fácil. Nesse *meio mais fácil*, no entanto, pode estar também a vitimização de alguém a quem foi negada escolarização, profissionalização, especialização, haja vista que, durante muito tempo, as prostitutas foram chamadas de *mulheres da vida fácil*. Talvez isso aconteça pelo fato de a prostituição não exigir um diploma nem experiência comprovada e também pelo fato de o trabalho ser associado ao prazer sexual. Em contrapartida, se pensarmos em questões como a de ter de entregar seus corpos a seja lá quem for, estar exposta aos mais diferentes tipos de violência, não ter garantias trabalhistas, por exemplo, tal facilidade se torna bastante questionável.

- E o pai de seus filhos?
- Não assumiu.
- Me conta um pouco como é a vida aqui no Pelô?
- A vida no Pelô? É uma vida difícil e, ao mesmo tempo, uma vida fácil de sobreviver, melhor do que no interior.
- Por quê, me explica...
- Bem, no interior não tem trabalho prá pessoa trabalhar e você vira de um lado e você vira de outro e você não faz nada e aqui não. Se você vai na esquina, você já ganha 30, 40 reais.
- Quanto você consegue ganhar por mês aqui?
- 1200 reais.
- Quanto você ganharia se você fosse empregada doméstica?
- 380 reais. Não dá para sobreviver com dois filhos, não dá para sobreviver, passa fome. Passa fome.

Apesar de toda a mudança na legislação relativa às obrigações dos homens quanto à paternidade, muitos ainda se furtam às responsabilidades e continuam agindo como se a gravidez indesejada fosse de total e exclusiva responsabilidade da mulher. Isso é ratificado na fala de Silene.

Quanto à vida de prostituição que leva no Pelourinho, embora a mesma aponte para as dificuldades encontradas por muitas prostitutas em relação às condições de sobrevivência, configura-se como opção melhor do que as que ela encontrava em Feira de Santana. Ainda que o valor que ela receba pelos serviços prestados seja baixo, é melhor do que a fome e todas as dificuldades que encontrava em seu lugar de origem. Se levarmos em consideração a tabela de salários do trabalho doméstico (TABELA DE SALÁRIOS, 2012), o maior salário de uma doméstica no Brasil, no mês de maio de 2011, é pago no Paraná (R\$ 736,00), chegando a uma média de R\$ 600,00 após serem aplicados os devidos descontos. Somem-se a isso as condições a que as domésticas ainda estão submetidas em algumas casas onde trabalham. Apesar de seus patrões dizerem que *são quase da família*, muitas domésticas continuam dormindo em espaços sem janela, que aviltam a dignidade humana e nos quais é impossível se locomover. A prostituição, portanto, garante-lhe mais condições de subsistência do que lhe seria possível com o salário de doméstica.

- E aqui, quem são os seus clientes aqui no Pelô?

- Eu tenho mais sorte com gringo, eu tenho sorte, por que a maior parte dos brasileiros eu não tenho sorte. Então eu apanho mais gringo.

- Você já se apaixonou por algum gringo?

- Eu tava na praça, então eu chamei ele prá ir pro quarto, então ele foi e depois foi novamente, outro dia ele foi novamente, daí a gente passou a morar junto. Eu morei junto com ele cinco meses, aí minha mãe faleceu, eu tive que ir para Feira de Santana e daí atrapalhou minha vida toda. Quando eu voltei, ele já tinha ido embora e eu tenho esperança de que ele vai voltar. Ele é espanhol.

O *casamento* da prostituta negra do interior da Bahia com um homem branco europeu foi o encontro com o *príncipe encantado*. Se este homem somente gostou do tratamento recebido e, possivelmente, do serviço, se de fato se apaixonou, ou se foi somente uma situação cômoda para um turista que estava longe de sua terra, não nos interessa. O que importa é a maneira como o documentário constrói a imagem dessa mulher por intermédio do discurso: a despeito das circunstâncias, ela é romântica e idealista.

Quando este homem vai embora, a justificativa é externa à relação: foi a morte da mãe que *atrapalhou* sua vida. Parece-nos que Silene infere que o homem não foi

embora por que quis ir, mas por que a mãe dela morreu. Diante da aceitação da possibilidade de ter sido rejeitada por ser prostituta e negra, ela elabora um discurso de culpa e culpa a si, por ter deixado o seu príncipe para cuidar da morte da mãe. O romântico nega a realidade que está diante de seus olhos e a idealiza. Ele a transforma, fazendo adequação aos seus sonhos.

- E ele tava trabalhando aqui, na Bahia?

- Não. Ele veio a passeio e ficou cinco meses. Já tava quase legal (risos). Eu me sentia esposa dele. Eu não me sentia mais uma prostituta. Eu me sentia esposa dele, por que ele foi um homem de atitude de me tirar dessa vida, não deixar nem passar pela porta assim, ele não deixava. Ele procurava outros meios para eu ir, só para não passar pelo Pelourinho.

Quase legal não é legal. O que significa *quase legal*? União estável? A subjetividade do conceito não nos permite ter certeza sobre o significado que ela pretende. Temos somente as informações de que além de o homem não trabalhar, ele a sustenta e a tirou da prostituição. Como ela não se prostituía mais, porque ele não permitia, supõe-se que a casa era mantida por ele. Ela possuía, ao seu lado, um homem branco europeu, que a sustentava e não permitia que ela se prostituísse. Isso a levou a se sentir esposa dele ou se sentir como quem alcança uma união estável. Ela o vê como uma espécie de redentor que a resgatou do mal. A partida dele no momento em que ela vai cuidar das questões relativas ao falecimento da mãe é citada como fruto de circunstâncias adversas. Podemos fazer as mais diversas inferências a respeito da atitude do espanhol, mas é o *ethos* constituído por este discurso que nos interessa.

- E você perdeu o contato com ele totalmente?

- Eu perdi porque eu fiquei tão nervosa com a perda de minha mãe que até meu celular eu quebrei e ele só tinha o número de meu celular e aí perdi o contato todo.

- O sonho de encontrar...

- 100% das mulheres normais têm esse sonho de ser feliz na vida, por que a maior parte dos brasileiros, não todos, só quer mulher para usar e deixar para lá.

A felicidade para ela parece se resumir a encontrar um homem que seja seu companheiro, para o qual ela não seja somente um objeto de uso. Com o espanhol, conforme seu relato, embora ele tenha partido sem se despedir nem deixar contato, ela conseguiu ir além do sentimento de uso, de objeto, embora as marcas de submissão sejam explícitas em seu discurso. Segundo afirma, só não tem este sonho a mulher que não é *normal*. É essa idealização da relação que sobressai em sua fala, tornando-se pistas do *ethos* romântico e idealista que ela constrói.

Observemos que a realização desse ideal é mais acessível com os homens não brasileiros, turistas, que estão em nossa terra por tempo determinado. Logo, seu ideal de felicidade é constituído pelo traço da efemeridade. É comum, na condição de turista, que as pessoas se sintam como alguém sem identidade social, sem vínculos, para quem as críticas e/ou julgamentos possíveis a seus comportamentos e modos de ação partem de pessoas que não se conhece e das quais, depois de voltarem aos seus países originais, talvez nunca mais se lembrarão. Como sabemos, a situação do turista pode ser a daquele que tira férias até mesmo de si e aproveita para realizar sonhos, fantasias, desejos, que não lhes são *permitidos* no lugar onde vive. No discurso desta mulher, então, ela tenta tornar real um conto de fadas, cujo tempo do fim, embora ela prefira ignorá-lo, já está determinado.

Em relação aos homens brasileiros a quem ela se refere, eles agem da mesma forma que os turistas. Aliás, se é que se pode dizer isso, de uma forma explicitamente menos covarde, já que não despertam nelas as fantasias despertadas por aqueles outros.

- Você tem preferência por homem branco ou por homem negro?

- Eu me sinto melhor na minha relação com homem branco. Não me sinto bem com homem negro.

- Por quê?

- Maltrata demais a mulher. O homem branco na relação entre dois na cama, ele sabe tratar bem a mulher, sabe acariciar, sabe fazer com que a mulher se sinta à vontade. Já a pessoa escura, a pessoa negra, não desfazendo, é mais selvagem, é mais bruto no relacionamento. Maltrata, acha que a mulher é só um objeto de desejo pra ele, só naquele momento.

- Você acha que o homem negro te trata assim por você ser negra?

- Acho.

Obviamente, desejo, atração, gosto estético, paixão, amor, fazem parte das questões totalmente pessoais e subjetivas. Essa argumentação – embora os estudos psicanalíticos dos processos psíquicos afirmem que os desejos humanos não são tão “[...] inocentes” quanto gostaríamos de crer (SANTOS, 2004, p. 35) – além de parecer corretíssima, também parece irrefutável. Mas, pelo viés histórico, político, social, antropológico, psicossocial e tantos outros, não podemos esquecer que o lugar hegemônico, o lugar de poder, é o do branco. Poder este que se estende até mesmo sobre as fantasias que orientam a sexualidade. Ratificando isso, há um registro, em *Mulher Negra Homem Branco*, de Gislene Aparecida dos Santos

(2004), em que Lila, uma mulher negra que insiste em ser entrevistada por Gislene, apesar de não fazer parte do público de interesse da pesquisadora, diz que as mulheres negras

[...] somente ficam tranquilas quando encontram um homem branco que faça com que elas se sintam mais valorizadas. Aí, elas se sentem como se fossem Cinderelas e pensam que são melhores do que as outras. (SANTOS, 2004, p. 16).

Embora o conteúdo de sua fala não possa ser comprovado cientificamente, é muito comum ouvirmos o mesmo que ela diz no discurso do cotidiano. Isso se aplica também aos homens negros, para os quais é bastante comum unirem-se a mulheres brancas, preferencialmente loiras ou aparentemente loiras, após ascenderem economicamente. Quanto a isso, Sovik (2009, p. 16) nos diz que

A branquitude não se explicita muito, é até negada, e por isso precisa ser flagrada no contexto do discurso que aparentemente pouco tem a ver com ela: o do afeto inter-racial, o da identificação com o popular e o da grande família brasileira.

Além disso, é bastante evidente que o fato de alguém ser branco já legitima seu acesso aos mais diversos espaços e posições sociais e simbólicas. Há uma construção simbólica, comportamental, social, linguageira e psíquica, que nos diz que a estética branca/europeia é superior a todas as outras.

Não podemos fechar os olhos, porém, para o fato de que a questão histórica, social, política de inferiorização pelo racismo a que fomos e somos submetidos, tem também como sustentação a supremacia do macho que, no caso das mulheres negras, tenta colocá-las em posição duplamente *desqualificada*: a de ser mulher e a de ser negra, some-se, ao caso da entrevistada, o fato de ser prostituta.

A supervalorização do branco é um fenômeno mundial, com particular vigência em lugares que foram colonizados por europeus que implantaram a escravidão. A branquitude, na visão de críticos estrangeiros, não é uma abordagem teórica, mas um objeto com 'estruturas complexas e medonhas', uma 'categoria de análise, conjuntos de fenômenos locais complexamente arraigados na trama das relações socioeconômicas, socioculturais, psíquicas [...], um processo,

não uma coisa' (SOVIK, 2009, p. 18, grifos do autor).

Quando fala dos homens negros, Silene generaliza, o que, possivelmente, seja fruto das experiências dela. Além disso, cai na estereotipia. A imagem sexual violenta e selvagem do homem negro que, muitas vezes, até ele mesmo, como refém da história e como seqüela do racismo, reproduz. O racismo marcou negativamente brancos e negros e tanto um quanto o outro veem os negros como inferiores.

- Quando você está com um homem de sua cor, você se sente menos ou mais bonita?
- Me sinto menos bonita. Me sinto mais feia.
- E com os gringos?
- Eu me sinto a própria. Eu me sinto a poderosa (risos). É a realidade...

Estar com um homem negro faz com que ela se sinta inferiorizada. O fato de os dois, por serem negros, ocuparem a mesma posição de exclusão faz com que ambos reforcem a rejeição a que estão submetidas as pessoas negras. Ao serem rejeitados, a sensação da inadequação se ratifica. Se não houve a *capacidade*, o *sucesso*, a *sorte*, a *felicidade* de seduzir uma pessoa branca, que tem seu lugar social demarcado pelo simples fato de ser branca, isso ratifica a não beleza, a falta de poder.

As táticas de Luciana:

- Tenho 32 anos.
- E você está trabalhando aqui há quanto tempo?
- Eu comecei a trabalhar com 12 anos de idade.
- Aqui no Pelo?
- No Pelourinho.
- Fazendo programa?
- Fazendo programa. Eu trabalhava na casa de uma moça, mas eu brincava demais e saí do emprego. Aí, meu pai me botou para fora de casa. Eu comecei a ficar na rua, aí eu comecei a me prostituir. E tem coisa boa e tem coisa ruim, né? Quando chega os clientes, assim, que é gringo, que paga bem, né, a gente vai, trabalha, faz nossos trabalhos, às vezes tem uns que trata bem, tem uns que trata mal, tem uns que tá nervoso, tem outros que tá calmo. E aí o que a gente pode fazer prá gente acalmar, a gente acalma, né? O que não pode fazer, a gente deixa ir embora.

- E que tipo de gringo você atende aqui?
- Tem de vários. É escuro, é, cumé, esses italianos, né, um bocado deles.
- Você falou escuro?
- É. Africanos. Os africanos a gente atende *também*. Atende os gringos.
- Vêm muitos africanos aqui?
- Vêm, africanos. Vêm vários aí, né, conhecer o Pelourinho, aí se engraja com a gente e aí, vai, né, namorar.
- E você, gosta de negro ou de branco?
- (risos) Na vida que a gente leva, a gente tem de gostar de qualquer um. A gente não pode escolher cor, né? Então eu gosto dos dois: do preto e do branco (riso).
- *E se você pudesse escolher cor?*
- Se eu pudesse escolher cor, eu escolheria um branco. Para *limpar* a família (risos).
- Você está falando de verdade ou está brincando?
- Eu tô falando de verdade. Eu vou brincar, é? [...]

Sua fala denuncia a exploração sexual infantil a que foi submetida. Para ela, no entanto, a consequência *natural* de uma menina morar na rua é a prostituição. Seu discurso sobre a prostituição, porém, não é maniqueísta. Sua visão de mundo, da maneira como a expõe, não é idealizada, ao contrário, é bastante pragmática. Quanto aos maus tratos, diferente de Silene, entrevistada anteriormente, ela não distingue turistas (gringos) dos brasileiros e apresenta seu trabalho como terapêutico, à medida em que oferece relaxamento aos que estão tensos, nervosos. Contudo, não deixa de reconhecer os limites de sua profissão. Cria, dessa forma, o *ethos* de pessoa realista, prática, que analisa a vida como a mesma se mostra.

Ao caracterizar o turista negro como *escuro*, a marca linguística do preconceito vem à tona pela eufemização do termo. Identificar esse turista como negro ou preto pode significar, por causa da identificação fenotípica, ter de se colocar neste mesmo lugar, de negra, de preta. Ao referir-se aos clientes africanos, utiliza o advérbio *também* como termo inclusivo, que, neste contexto, pode ser analisado como inclusor de uma possibilidade, sugerindo um caráter de concessão ao atendimento aos africanos. Por mais que isso cause estranheza, negros e negras, ao serem capturados pela ideologia racista, desejam se distanciar, ainda que de forma inconsciente, do modelo de exclusão e de inferiorização que o racismo relega aos negros e negras.

Logo a seguir, quando o entrevistador pergunta se ela gosta de preto ou branco, sua resposta explícita que, como é um trabalho, não há distinção de raça. Aceita-se o cliente que irá pagar. O serviço tem de ser realizado, não importa com quem. Assim, ela ratifica o *ethos* de consciência dos limites impostos por seu trabalho. Ainda se pode captar um *ethos* que precisa ser preservado: o da prostituta ética, que, ao oferecer seus serviços, não pode discriminar os clientes.

O entrevistador, contudo, continua a provocação, perguntando a ela sobre, diante da possibilidade de escolha, qual seria a sua preferência. A partícula condicional *se* a tira do mundo concreto, pragmático, real e a coloca no mundo de hipóteses, caracterizado pelo modo subjuntivo, que, apesar de não oferecer garantias, apresenta-se como possibilidade. Neste mundo, outro *ethos* emerge, outra identidade se mostra. É impressionante como, em pleno século XXI, a entrevistada continua refém das teorias eugenistas do início do século passado. Ainda que possivelmente não as conheça sequer teoricamente, o senso comum as fez perpetuarem de tal forma, que sobrevivem até os dias de hoje no imaginário de muitas pessoas, sejam elas negras ou não negras.

De tão anacrônica, a resposta soa como brincadeira ao entrevistador. Ela, porém, afirma que se trata da verdade! A entrevistada, uma mulher negra, ainda crê que sua raça deva ser purificada, limpa, pela raça branca! Ao falar de si, ela constrói a imagem da pessoa que se sente inferior, que necessita do padrão branco europeu para *limpar* a si e a sua raça.

3 Conclusão

Hall (2002, p. 21) nos diz que a identidade “[...] se tornou politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política da diferença”. Por isso torna-se interessante analisar a identidade negra (não a essencializada, mas a histórica, cultural, política e social) e investigar como ela tem se construído, como tem se mostrado, sem que esqueçamos que “A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade” (HALL, 2009, p. 18). Afirmamos, então, que os filmes documentários se configuram como bom suporte para análise, pois eles acabam por construir uma imagem de negras e negros, que é vista e assimilada por milhares de pessoas. As reflexões a respeito disso podem nos levar à representação que tem sido (ou que se quer) construída do/sobre negros e negras. Temos de observar que, enquanto negros e negras estiverem presos a essa malha cruel do ideal de branqueamento, politicamente avançaremos pouco em questões ligadas à identidade e imagem de negros/as.

As identidades, como sabemos, são sobrepostas e têm a ver com pertencimento. *Ethos* tem a ver com o querer pertencer, pois é uma estratégia discursiva, pela qual o sujeito tenta a adesão de uma comunidade/pessoa, ou quer fortalecer sua influência sobre a mesma ou, então, quer seduzi-la. O *ethos* quer que os interlocutores adiram às suas verdades.

A análise do discurso das duas mulheres aqui apresentadas explicita o fato de que o racismo, a exclusão racial e a eugenia foram projetos tão bem estruturados que provocam consequências ainda hoje. Essas ideologias ainda fazem reféns, colonizam mentes, identidades e emoções, ao ponto de essas mulheres verem o homem branco não somente como o redentor de suas vidas (mesmo quando são covardemente abandonadas!), mas também como aquele que tem o poder de *limpar* a sua raça.

Carecemos ainda de modelos; esse modelo tem sido o homem, branco, heterossexual, rico, europeu. Assim, a identidade negra sempre corre risco em função de nossa própria história de dominação e diminuição, que insiste em permanecer no imaginário social como uma marca de superioridade branca.

Embora possamos apontar as diversas identidades que emergem, tanto do discurso de Silene como do discurso de Luciana (mulheres, negras, pobres...), identidade não é algo concreto que possa ser mensurável, mas é, sim, a postura que se assume diante de diversas circunstâncias. As sobreposições e as simultaneidades das constantes máscaras sociais, *ethe* (romântica, idealista, pragmática...), formam, em conjunto, a identidade. A identidade de um povo, de uma raça, de etnia, torna-se, assim, muito mais difícil de ser verificável, analisável.

Um dos caminhos para se pensar a sociedade é, então, a confluência de análise entre os Estudos da Linguagem e os Estudos Culturais, que são caminhos que se cruzam: busca-se, por intermédio da linguagem, a ligação que se estabelece, de forma direta e imediata, com outras estruturas. Os textos, manifestem-se eles por meio da história, da cultura, das artes ou do próprio discurso, servirão como fonte de análise de poder, de resistência e da identidade simbólica que se constitui nas sociedades.

Referências

- BAUMAN, Zygmund. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 3 ed. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso Político**. Trad. Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIOKONIS, Maria Aparecida; GAVAZZI, Sigrid (Org.). **Da Língua ao Discurso. Reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

Doméstica Legal. O Portal do Empregador Doméstico. **Tabela de Salários**. Disponível em: <<http://www.domesticalegal.com.br/tabelasalario.asp>>. Acesso em: 16 jan. 2012.

HALL, Stuart. **Da Diáspora – Identidades e Mediações Culturais**. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2006.

_____. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. Quem precisa de Identidade. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença. A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do Ethos. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Org.). **Ethos Discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008.

MOITA LOPES, L. P. **Identidades Fragmentadas: a Construção Discursiva de Raça, Gênero e Sexualidade em Sala de Aula**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. Tradução de Mônica Saddy Martins. Campinas: Papyrus, 2005.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** São Paulo: Editora Senac SP, 2008.

SANTOS, Gislene Aparecida. **Mulher Negra Homem Branco**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

SOVIK, Liv. **Aqui ninguém é branco**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença. A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2009.

Recebimento em: 10/03/2012.

Aceite: 15/03/2012.